

ASPECTOS LITERÁRIOS POPULARES E ERUDITOS NA EPOPEIA *O PAÍS DOS MOURÕES* DO ESCRITOR CEARENSE GERARDO MELLO MOURÃO

Antonio Edson Alves da SILVA¹
Antonio Anderson Beserra da SILVA²
Lorena Ramos de ALMEIDA³

RESUMO: Esta pesquisa objetiva analisar a obra *O país dos Mourões* do escritor Gerardo Mello Mourão, ressaltando os aspectos literários próprios da cultura popular, bem como os elementos eruditos presentes na narrativa, para, além de situar o autor dentro da Literatura Cearense e validar o gênero literário épico como uma ferramenta de construção da memória e da identidade de um povo, romper com o estigma da literatura de caráter popular, que, mesmo na tradição historiográfica das letras locais, ficou marginalizada.

PALAVRAS-CHAVE: Popular; erudito; literatura cearense.

1. Introdução

“O épico estaria para o campo das tradições populares, pelo menos as do ciclo pastoril, como o romance estaria para o Romantismo, tanto por formar um passado heroico comum à nação quanto por favorecer a representação de suas regiões” (MARQUES, 2018).

Mesmo sendo tardio à vertente literária romântica, o escritor e político Gerardo Mello Mourão (1917-2007) empreendeu, na sua escrita, fator caro à tradição da Literatura Cearense, seja em qualquer momento da sua historiografia; resgatar o passado a fim de construir uma identidade própria para a narrativa, abordando aspectos estilísticos, geográficos, lexicais e sociais. Para tanto, ao recontar a história da família dos Mello Mourões, na obra *O País dos*

¹ Mestre e Doutorando em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: edson.crat@gmail.com

² Graduando em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE *campus* Crateús, Ceará, Brasil. E-mail: a.anderson.beserra@bol.com.br

³ Graduanda em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará– IFCE *campus* Crateús, Ceará, Brasil. E-mail: loohralmeida@gmail.com

Mourões (1972), o escritor utilizou recursos do gênero épico, atrelando elementos da literatura popular cearense com os fatores eruditos da arte poética.

Assim, esse caráter específico presente nas obras da tradição literária do Ceará é, muitas vezes, fator fulcral para determinar a presença do autor ou do livro no cânone da Literatura Cearense, mesmo que, como se verá adiante, seja a “cearensialidade” controversa na classificação dos nomes que por ventura venham figurar como expoentes da prosa ou da poesia local. Ainda mais no caso do autor, pois este afastado da terra natal desde a infância e dono de uma cultura humanística que marca seus textos, pouco é celebrado como um escritor cearense.

Mas, mesmo não sendo citado nas historiografias do Ceará, Mourão utilizou muito dos traços populares nos seus escritos, sendo essa característica herança da juventude, porque, segundo Catunda (1999, p. 4) em um ensaio sobre a biografia e a fortuna crítica do autor, “desde menino, em Ipueiras-CE, costumava ouvir os cantadores que improvisam ao som da viola, sua poesia guarda ainda instâncias (*sic*) do ritmo popular dos menestréis, o verbo de sete sílabas que escutava quando criança”. E embora tenha reconhecido valor fora de seu torrão natal, alcançando prestígio nacional, principalmente com a vasta produção literária e cultural até mesmo depois da sua morte, em 2007, aos noventa anos, abrangendo vários gêneros, como as obras: *O País dos Mourões* (1963), *Frei e Chile num continente ocupado* (1966), *Dossiê da destruição* (1966), *Peripécia de Gerardo* (1972), *O Rastro de Apolo* (1977), *As vizinhas chilenas* (1979), *A invenção do saber* (1983), *Os peãs* (1986), *Susana - 3* (1996), *Invenção do mar* (1997 - Prêmio Jabuti em 1999), *Canôn & fuga* (1999), *O bêbado de Deus* (2002), *Algumas partituras* (2002), *O valete de espadas* (2007), *O nome de Deus* (2007 - obra póstuma), sendo também respeitado mundialmente pela indicação ao Prêmio Nobel de Literatura, em 1979, o autor ipueirense deve ser revisitado e estudado sob o viés da literatura puramente nordestina.

Portanto, para reivindicar seu espaço frente às ideologias da historiografia e elucidar quais componentes tradicionais e eruditos

compõem sua epopeia, a referente pesquisa foi dividida nas seguintes seções: 2. A ausência das peripécias de Gerardo da história literária local, na qual serão analisados dados biográficos e específicos da sua escrita, contrapondo e o situando na tradição das letras locais; 3. A epopeia e a formação da uma identidade, que busca, de forma ampla, discutir a importância das manifestações épicas, nesse caso a epopeia, para o resgate memorialístico de um povo ou nação; 4. Análise de *O país dos Mourões*, na qual será feito um recorte e analisado apenas um canto, visto a extensão da obra, sendo salientados os aspectos tanto da cultura popular como os eruditos, e, por fim, 5. Considerações Finais sobre este trabalho.

2. A ausência das peripécias de Gerardo na história literária local

Mesmo tendo nascido na cidade cearense de Ipueiras no dia 08 de janeiro de 1917 e morado também nos arredores dos sertões de Crateús-CE, antes de viajar ao Rio de Janeiro, em 1928, com 10 anos de idade, Gerardo Mello Mourão pouco é lembrado por seus conterrâneos e nunca teve muito empreendimento na crítica literária local, como bem reconhece a cordelista e amiga, também ipueirense, Dalinha Catunda, em artigo publicado no sítio eletrônico Suaveolens: “Infelizmente, Gerardo, ainda não foi devidamente reconhecido em Ipueiras, cidade que ele carregou com carinho, na cabeça, no coração e em seus escritos. Foi grande falando de sua aldeia, mas sua aldeia não crescera o suficiente para reconhecer a magnitude deste ícone ipueirense” (CATUNDA, 2010).

Talvez a ausência da sua monumental reputação literária na crítica e na historiografia cearense, bem como da recordação de seu povo, possa ser explicada pelos próprios métodos de análise trabalhados no cânone da Literatura Cearense, que se modificaram através dos anos a depender das ideologias dos intelectuais responsáveis por julgar o estatuto da obra literária. Assim, ancorado na pesquisa de Marques (2018), faz-se necessário entender as etapas de desenvolvimento da crítica e perceber o lugar do autor nessas diferentes fases.

Em resumo, a história da Literatura Cearense começa com o ensaio “Pelo Ceará Intelectual”, de autoria do escritor e crítico Antônio Sales, ao periódico *Revista Brasileira*, em 1897, proporcionado pelo rico passado literário do estado, principalmente em função dos trabalhos poéticos de Juvenal Galeno, onde encontrou espaço para contar as peripécias do grupo Padaria Espiritual, do qual também fazia parte, que fortalecia o sistema da literatura local da época. Logo depois, a semente embrionária da historiografia da LC foi ganhando fundamentos teóricos mais profundos e novos nomes surgiram para fazer parte do cânone, o que levou Antonio Sales ampliar o modesto texto a um capítulo do livro *O Ceará* (1939), de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, com o título *História da Literatura Cearense*, compreendendo as produções de 1824 a 1939.

Desde a fundação dessa área do conhecimento, que buscava relatar a história da então província correlacionando com a história da nação, novas contribuições surgiram para solidificar cada vez mais as bases epistemológicas da LC. Dentre os expoentes que empreenderam tal função destacam-se o crítico e jurista Dolor Barreira e o contemporâneo professor Sânzio de Azevedo. O primeiro foi responsável por quatro volumes de *História da Literatura Cearense*, em 1948, 1951, 1954 e 1962, já o mais moderno intelectual repensou alguns critérios dos dois últimos e, a partir da sua obra *Literatura Cearense* (1976), tornou-se um dos maiores nomes da crítica literária cearense, reconhecido dentro e fora do estado pelo competente trabalho de análise.

E a partir desses três teóricos, principalmente, foi formada a Literatura Cearense e estabelecidas orientações de pesquisa e estudos. Como destaca Marques (2018), algumas dessas balizas foram essenciais nesta área e, no decorrer dos anos, sofreram modificações para que fossem corrigidos alguns dos conceitos, são elas:

- 1) A cidade de Fortaleza como cenário por excelência da “literatura cearense”; 2) a sucessão dos grupos literários e a duração de cada um deles, seus membros e seus feitos; 3) a polêmica quanto ao critério de quem deve ou não figurar no cânone local, se por

nascimento, se pela atuação no meio cearense ou se pela “cearensialidade” das obras; 4) a fixação de um marco inicial; e 5) a indicação exaustiva do ano de publicações das obras e do pioneirismo cearense (MARQUES, 2018, p.58).

Dentre estes, o motivo de maior polêmica foi justamente o relacionado aos parâmetros de pertencimento dos escritores ao cânone da Literatura Cearense, posto que nunca houve um consenso entre os estudiosos e as escolhas dos seletos nomes ocasionavam uma série de discussões, quando não prejuízo à própria área, pois, nessas delimitações, grandes expoentes da ficção e da poesia eram descartados das antologias literárias especializadas, como José de Alencar, o mais famoso caso, e Gerardo Mello Mourão.

Cada um a sua maneira, os três teóricos definiram e delimitaram as normas da categoria relativa à identificação do “escritor cearense”, visto que “Esta literatura teria que percorrer um espaço que não era propriamente o lugar de nascimento do escritor, mas significava um território mais amplo, um Ceará simbólico, uma essência, uma cearensidade que uniria aos que deviam compor a chamada literatura cearense” (MARQUES, 2018, p.76).

Assim, ao ampliar a categoria de Antonio Sales, aquela que só reconhecia como escritores cearenses os autores que cooperaram para a produção e recepção da literatura no Ceará, solidificando a marca intelectual da província, sem necessariamente serem natos, não foi contemplado, dessa forma, José de Alencar, pois o escritor de *Iracema* teria mais influência no meio fluminense do que no território natal. O crítico Dolor Barreira subdividiu em duas partes essa condição e deu alternativa de novos nomes participarem da cultura literária local: “1) autores nascidos aqui e que aqui produziram literariamente, como Juvenal Galeno, Oliveira Paiva, Filgueiras Lima e inúmeros outros; 2) autores nascidos noutros estados, mas que produziram literariamente entre nós, como Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior, Alf Casto ou Demócrito Rocha (AZEVEDO, 1976, p. 15. *apud* MARQUES, 2018, p. 81).

Mas, o que modificou essencialmente esses paradigmas classificatórios foi a inclusão de mais um item, que, segundo Sânzio MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 29-42

de Azevedo, seria: “3) autores que se ausentaram, mas ainda escreveram obras cearenses [...] Esse novo critério adota duas condições: uma que o escritor seja cearense de berço e tenha se ausentado da terrinha; outra que o escritor tenha escrito uma ou mais de uma ‘obra cearense’” (MARQUES, 2018, p.82).

Dessa maneira, tanto José de Alencar, que teria saído aos 11 anos da Terra da Luz, recebeu o *status* de escritor cearense, por ter produzido duas obras de caráter regional, *Iracema* e o *Sertanejo*, quanto o nosso escritor Gerardo Mello Mourão, por ter escrito, a exemplo, *O País do Mourões* e *Rastro de Apolo*, obras que, apesar de uma linguagem híbrida, misturando elementos culturais populares com termos em latim e com a própria mitologia greco-romana, exprimem alto grau de cearensialidade, que mesmo embora não tenham uma definição específica, pode “o leitor ou a leitora intuir tratar-se de obras que trazem aspectos culturais, históricos e geográficos do estado do Ceará, uma vez que o regionalismo está implícito na constituição dessas definições” (MARQUES, 2018, p.83).

Ainda mais, porque a feição regional foi representada a partir do gênero épico em *O País do Mourões*, na simbiose da epopeia com outros gêneros textuais, como a crônica histórica, certidões oficiais e o poema popular, confirmando a advertência de Marques (2018) ao comentar a escolha da narrativa épica de Alencar para arcabouçar a obra *O sertanejo*, corroborando com a epígrafe do trabalho, que essa ordem seria exata para mostrar as realidades dos habitantes do sertão, ao passo que enchia esse vasto território de vida fantástica, refletida nas lendas e relatos do povo. Desse modo, é necessário elucidar as estruturas do gênero e suas características, destacando sua importância na construção de passados grandiosos e atemporais, para, logo mais, confrontar com o livro em tela.

3. A epopeia e a formação da uma identidade

Sendo a Literatura uma atividade humana, é importante perceber o quanto da humanidade está presente em sua composição; quais os traços morais da sociedade representada na obra, em qual

período histórico se passam tais acontecimentos e quais são as características dos espaços físicos descritos. O empréstimo do contexto histórico para as obras de ficção são as marcas de personalidade própria, e o incessante escambo entre as manifestações culturais e a arte literária (MOISÉS, 2006) é, como afirma Marques (2018), a identidade de um livro cearense.

Então a epopeia, “Pelo menos das epopeias entendidas como expressão duma fase heróica da história dum povo, “época intermédia em que um povo, saído de seu entorpecimento e sentindo espírito despertar, se põe a criar um mundo que lhe seja próprio no qual se sente à vontade” (HEGEL, 1944, p. 97 *apud* MOISES, 2006, p.313), teria por essencial destacar os aspectos que retratam a nação homenageada, sua criação e seu caráter único. O poeta cearense, ao narrar o início do País dos Mourões percebe a criação deste mundo:

*Era uma vez um país
onde o fruto alastra o chão vastos campos onde os touros nédios urram
sobranceiros entre os bandos de carneiros pelas soltas dos mourões:*

*“Não te aproximes daqui: descalça das alpargatas porque o lugar onde te
encontras é uma terra sagrada” eles fundaram a terra sagrada e sobre ela
num círculo do chão foi abatida
a grande cajazeira com seus grandes de ouro e o capitão mandou matar os
gaviões
e a glória da cantaria da pedra de ângulo das paredes de pedra
foram colhidos os tamarindos e derrubadas as jacas e abatidas as
jaqueirase imolados os animais perigosos e queimados à bala os forasteiros*

*Bebam a minha saúde – ordenou o Capitão quando assentou a cumieira
da casa –
e entre os copos de aguardente parecia um deus embriagado e
cosmogônico
a criar seu mundo no País dos Mourões in illo tempore.
(Canto: Ké, p.99-100)*

Conforme fragmento do conto acima, vê-se como estão sendo cantados os valores morais da comunidade, seus traços culturais e psicológicos, o poeta é, na maioria das vezes, anônimo e o destino da nação objeto essencial da história, “Daí as duas características da epopeia: totalidade na visão do mundo e anonimato do poeta”

(MOISÉS, 2006, p.313). E embora conte sobre a história da sua gente, como fruto derradeiro de uma extensa geração, Gerardo Mourão alterna as passagens onde versa sobre si em primeira pessoa, com passagens lembradas de outros menestrais populares ou o escritor cearense, apenas recontando o mito dos feitos seus familiares, imbuído de credence, mas sem a marca de legitimidade. Assim, ao resgatar o passado, o toma como matéria constituinte da sua pessoa, mesmo que os fatores que o construíram tenham ocorrido há muito tempo:

*Ao teu afago rude parecia talhar-se a cabeça do infante em tuas mãos:
de tuas mãos recolho a herança que me deram os pais de minha raça:
a mandíbula quadrada e o gosto das velhas aguardentes e das putas e o
gosto das pistolas e da morte
e dos assassinos e dos assassinados e os espantados olhos
assíduos a defuntos como a vivos.*

Dessa maneira, o processo de resgate do passado fica evidente na memória e na identidade preservada dos conterrâneos, marcando sua postura e preferências ou mesmo pela própria fisionomia do poeta, acentuando o caráter popular dos homens do sertão; apreciadores de cachaça e “raparigueiros”, bem como perigosos por andarem armados. O que corrobora com a afirmação de Staiger:

O autor épico não se funda no passado, recordando-o como o lírico, e sim rememoriza-o. E nessa memória fica conservado o afastamento temporal e espacial. O longínquo é trazido ao presente, para diante de nossos olhos, logo perante nós, como um mundo outro maravilhoso e maior (STAIGER, 1993, p. 79 *apud* SILVA, 2010, p. 18-19).

E mesmo que a crítica literária admita a “morte” da epopeia, equivocadamente, por as obras na modernidade não apresentarem uma “ausência de conflito entre narrador e matéria que permite que aquele se oculte nesta, [...] tendo a poesia homérica em mente, qualifica como o modo próprio do narrador da epopeia” (JÚNIOR, 2016, p.26), consideramos que os gêneros literários se renovam e ressignificam categorias, abandonam algumas e surgem outras

novas, principalmente atrelando o fator identitário que se modifica também no decorrer das eras.

Assim, ao contar as histórias de sua família a partir de uma instância dupla de enunciação, tanto de um eu lírico como de um narrador, Gerardo traça o perfil de seus antepassados, sua relação com a vasta terra sertaneja e o legado deixado na fisionomia e nos costumes, assentando sua marca como filho do Ceará e, na medida em que recupera seu passado ao longo da divisão dos cantos, registra-se na seara dos autores locais.

4. Análise de *O País dos Mourões*

O primeiro livro da trilogia *Os Peãs*, composta além de *O País dos Mourões* por *As Peripécias de Gerardo* e *Rastro de Apolo*, inicia com a contagem dos mortos das terras dos Mourões: “Iam caindo: à esquerda e à direita iam caindo; Alexandre e Francisco, meus bisavós tombaram”. E a partir dessa rememoração genealógica, começando pela queda do patriarcado, hierárquico e cronológico, lendas na boca do povo – os bisavôs, depois os avós, o pai – mas Gerardo não sucumbe e quebra com o ciclo linear, o autor narrar à história dos seus familiares nas posses de suas terras e fora delas, contando os feitos emblemáticos dos seus parentes.

Como a obra é vasta e complexa para uma primeira análise, escolheu-se recortar um de seus episódios e averiguar quais as marcas da literatura popular e da cearensidade que entram em contato com o estilo clássico presente nos cantos. Portanto, foi selecionado o canto ιζ' (p.73-75) para que seja uma amostra da versatilidade presente na obra, bem como da escrita estilística do autor que “[...] bebeu nas fontes da poesia popular, e se inebriou da musicalidade desta tradição, também soube combinar a influência daqueles ritmos com a erudição clássica que adquiriu através de leituras e do aprendizado de nove idiomas” (CATUNDA, 1999, p. 04).

Logo no início do canto, é descrito o caráter sexual do avô do herói e escritor, traço compartilhado por todos os homens da família

dos Mourões, o que os caracteriza popularmente como “raparigueiros”. O erotismo em Gerardo se caracteriza, segundo Junior (2016), como essencialmente masculino, feroz e urgente, devido não só ao temperamento do autor, mas como a insaciabilidade característica de seu povo herdada ideologicamente, exemplificada nessa passagem onde descreve um bordel do Rio de Janeiro:

*Hoje é dia de louras, Abdias, telefona e amanhã
quero Wanda Moreno, quero Hilda, quero Rosa e depois quero de novo a
ruiva da Barata Ribeiro, quero Néa, quero Paula da casa de Arabela e
Lourdes com Marina e quero todas
da casa de Helenita:*

*Meu avô passou nos peitos todas as filhas dos moradores do engenho
os Mourões raparigueiros há trezentos anos*

A passagem apresenta versos livres, sem restrições métricas, e a ausência de rimas, o que confere rebuscamento às palavras do autor, que mantém também um tom memorialístico e autobiográfico. Todavia, aos versos requintados são somados os versos de teor popular, como se verá a seguir, divididos em uma décima e uma estrofe irregular, com mais de 10 versos. As rimas são ricas e predominantemente agudas. Como se pode ver na décima:

*eram cinquenta mulheres à noite no cabaret
entre elas uma francesa sentada num canapé Raimundo Mourão brigara
com o vigário da Sé
trazia o diabo no couro quando entrou no cabaret as mulheres quando o
viram ficam todas em pé*

O estereótipo do homem pertencente aos Mello Mourão, e em associação com o imaginário tradicional do homem cearense, ainda fica mais nítido na estrofe seguinte, com 66 versos. “Nesse sentido, sua poesia se nutre da perenidade de arquetipos (sic) definitivos como as imagens da infância (sic) e a fantasia recriada a partir do paradigma dos ancestrais”. Aqui, Raimundo Mourão é descrito como “valente rico e faceiro/dançador e fanfarão”, que ao entrar em um prostíbulo, trocou tiros e, mesmo depois de ter quebrado

lâmpadas e expulsado todos os homens do recinto, cortejou todas as cinquenta mulheres, antes de ser apunhalado pelas costas e ter morrido no local. E mais uma vez a herança identitária é lembrada, afirmando o caráter cultural e consanguíneo do escritor:

*[...] herdei-lhe a espora de prata o rebenque e o alazão
relógio de ouro maciço de corrente e medalhão
trinta e dois de carga dupla o clavinote alemão
e na bainha de couro o punhal de estimação dezoito pentes de bala
cartucheira e cinturão
os olhos concupiscentes
a aguardente e a perdição o gosto da mulher boa procurada com paixão
e atrás de ti pelo mundo abandonei o sertão.*

Então, ao passo que narra as aventuras do seu clã, e em meio da narrativa mobiliza termos do vocabulário regional, tais como: raparigueiro, cinturão, aguardente, dentre outras espalhadas por toda narrativa, o autor expressa seu caráter cearense e valoriza as lembranças, a cultura e modos do povo do torrão natal. A valorização também é expressa pela comparação entre o sertão ipueirense com os territórios gregos antigos, como explica Catunda (1999, p.10):

Estas semelhanças entre o mundo grego de suas elucubrações e o universo de sua província natal são pilares com que constrói a sua fábula, vaticinando a grandeza do poetar que funda civilizações. Nesse transporte poético no tempo e no espaço associa as dimensões geográfica e humana das duas regiões do seu imaginário, onde edifica o monumento de sua obra, elaborando a saga brasileira. Quando vê nos cantadores de feira de Ipueiras a imagem de Homeros de eterna verve, constata o quanto é forte o Nordeste brasileiro.

Por fim, Gerardo soube aproveitar muito bem as recordações de sua infância e da literatura popular cantada pelos menestréis cearenses para aprimorar sua poética, podendo ser, sim, louvado e estudado como um escritor cearense por trazer nas linhas de suas criações literárias o fator tão determinante para a cultura do estado: a cearensidade, representada nos traços geográficos explorados nos espaços da narrativa e no costume do povo.

Considerações Finais

Pretendeu-se com esse trabalho fazer uma análise literária da obra *O País dos Mourões*, primeiro livro da trilogia *Os Peãs*, do escritor ipueirense Gerardo Mello Mourão, para descobrir quais foram os aspectos da literatura popular cearense usados na construção do seu texto, bem como dos aspectos eruditos relacionados ao campo da tradição literária. Para alcançar esse objetivo foi feito um recorte na epopeia, visto a densidade que seria de uma análise completa, também por entendermos a partir das leituras prévias da obra que o traço estilístico do escritor se repete ao longo de toda narrativa.

Além disso, foi necessária uma investigação do lugar do referido autor dentro do campo de estudos conhecido como Literatura Cearense, para, além de evidenciar os métodos de análise e recepção das obras, entender porque Gerardo é pouco estudado dentro do seu próprio estado e o que explicaria sua ausência nas antologias cearenses especializadas, o que entra em oposição a sua vasta produção e talento como seu amor pela terra natal.

Foi salientado que a crítica literária cearense é envolta de várias escolhas ideológicas e que essas acabam por desqualificar a identidade de alguns intelectuais e escritores, mas seus conceitos não são estanques, visto que nos primórdios dessa área Gerardo não seria considerado um escritor cearense, mas depois de uma releitura desses conceitos, principalmente por Dolor Barreira e Sânzio de Azevedo, sim, posto que traz um caráter regional nos seus versos.

Também foi feita uma rápida análise sobre o gênero literário épico e sua contribuição para a literatura, principalmente para representar heroicamente o povo cearense. E da mesma forma foi abordado à questão da cearensidade, aspecto de questão ideológica e que pode trazer várias interpretações em vista dos novos paradigmas das ciências sociais, o que foi pouco aprofundado aqui. Além disso, as fontes escassas de estudo sobre o autor e suas obras foram desafiadores para a construção da investigação, o que sugere um convite a futuras pesquisas.

Concluindo, a importância de Gerardo Mello Mourão à Literatura Cearense é imensa, o autor logrou êxito em utilizar os aspectos físicos e culturais da sua terra natal na sua poética e a homenageou com centro de criação artística e fantástica, comparando-a com o universo grego, mantendo-se fiel e nostálgico às memórias de seu povo.

SILVA, A.E.A., SILVA, A.A.B., ALMEIDA, L. R. Aspectos literários populares e eruditos na epopeia *O país dos Mourões* do escritor cearense Gerardo Mello Mourão. Mosaico. São José do Rio Preto, v 18, n. 1, p. 29-42, 2019.

POPULAR AND LITERARY ASPECTS IN THE EPIC *O PAÍS DOS MOURÕES* BY THE CEARENSE WRITER GERARDO MELLO MOURÃO

ABSTRACT: This research aims to analyze the work “O País dos Mourões” by the writer Gerardo Mello Mourão, highlighting the literary aspects of popular culture, as well as the erudite elements present in the narrative, in order to, in addition to situating the author within Cearense Literature and validating the epic literary genre as a tool for building the memory and identity of a people, breaking with the stigma of popular literature, which, even in the historiographical tradition of local letters, has been marginalized.

KEYWORDS: Popular; erudite; Ceará literature.

Referências Bibliográficas

CATUNDA, D. *Uma cadeira cativa para Gerardo Mello Mourão*. Disponível em: <https://suaveolens.blogspot.com/2010/03/uma-cadeira-cativa-para-gerardo-mello.html>. Acesso em: 08. dez. 2018.

CATUNDA, M. Na trilha dos eleitos. Gerardo Mello Mourão: Poeta Oracular/ José Alcides Pinto: *Demônio Iluminado*. v.1. São Paulo: Espaço Tempo, 1999. Disponível em: http://www.marciocatunda.com.br/livros/Marcio_Catunda_Na_Trilha_dos_Eleitos_Vol._%20I.pdf. Acesso em: 08 .Dez. 2018.

JÚNIOR, O. L. de C. *Cantos à comunidade ausente: a tradição épica em Os Peãs*, de Gerardo Mello Mourão. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARQUES, R. *A literatura cearense: os bastidores de sua história*. Disponível em:

ASPECTOS LITERÁRIOS POPULARES E ERUDITOS NA EPOPEIA “O PAÍS DOS MOURÕES”
DO ESCRITOR CEARENSE GERARDO MELLO MOURÃO

<https://sites.google.com/view/profrodrigomarques/links-e-downloads/literatura-cearense>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MARQUES, R. *Literatura cearense: outra história*. ortaleza: Dummar, 2018.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOURÃO, G. M. *O país dos Mourões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gerardomellomourao.html>. Acesso em: 08 dez. 2018.

SILVA, E. O. da. *Gerardo Mello Mourão e a gênese épica de Invenção Do Mar*. 2010.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.